

O Ensino da Arquitectura e a Tradição do Desenho enquanto instrumento privilegiado da concepção da Cidade

João Sousa Morais

Arquitecto, Professor Auxiliar, com Agregação, da F.A.U.T.L.
geral@vao.pt

1. O Ensino

O ensino da Arquitectura não é apenas uma questão de carácter profissionalizante, mas também de integração social e cultural, onde o verdadeiro sentido da Arquitectura¹ remete-nos para uma postura diferente em que estudantes, professores e profissionais, se podem alear com o objectivo de dar uma resposta cabal aos diferentes desígnios da sociedade.

No entanto, torna-se também importante explicitar o perfil profissional em Arquitectura, de carácter genérico, podendo e devendo ser calibrado pelas diferentes escolas em função da sua tradição e dos seus modelos de ensino, podendo-se referir as seguintes permissas entendidas aqui como denominador comum, no processo de aprendizagem em Arquitectura².

- > Verifica-se um divórcio entre a prática e o ensino.
- > A nobreza da Arquitectura ficou sempre associada à ideia de arte social.
- > A tradição do Desenho tem sido uma constante ao longo dos anos.
- > O ensino da Arquitectura tem vindo a ser mais globalizante e computacional.
- > Qualquer intervenção em Arquitectura pressupõe a (re)interpretação da Cidade enquanto território por excelência do Arquitecto.

Estas premissas relacionam-se também com a necessidade do entendimento da Arquitectura também pelos não – Arquitectos (como se refere no Relatório Princeton) e sobretudo face ao actual sentido da Globalização: relativas ao mercado; à realidade política e sócio-económica, bem como aos problemas produtivos, e a consequente mudança dos serviços terciários como fonte primordial de recursos urbanos e festivação da vida urbana³.

A Arquitectura de hoje bem como o seu ensino, passa pelo entendimento do conjunto de fragmentos urbanos em diferentes cidades, quer no âmbito real como virtual, constituindo uma estrutura construída por áreas separadas em espaço físico e espaço de comunicação, de informação e fluxos, funcionando o lugar como interacção de fluxos de comunicação de informação, onde confluem telecomunicações, auto-estradas reais e digitais e grandes infraestruturas pensadas em função da velocidade do quotidiano urbano.

¹ Boyer, Ernest zand Mitgang Lee
*A New Future for Architecture
Education and Practice*
The Carnegie Foundation for
Advancement of Teaching.
Lane & Princeton, New Jersey, 1996

² As permissas estão constantes
no "relatório Princeton" elaborado
nos E.U.A. para o ensino da
Arquitectura, no entanto apenas as
quatro primeiras. A última inerente
à Cidade transporta a propósito da
ligação ao contexto que o mesmo
relatório considera fundamental.
Para mais informações veja: Robert,
L. Gedds and Bernard P. Spring.
Study of Education for Environmental
Design pelo American Institute of
Architects. 1967 / 1981

³ Muxi, Z. - p. 19

Das permissas iniciais enunciadas parecem haver contradições entre:

- > A globalização, a computação e a tradição do Desenho.
- > A ideia de arte social e o divórcio entre a prática e o ensino.

De facto parece não haver sentido estático na Arquitectura ou na Arquitectura da Cidade. Há no entanto sobreposições de Cidades, em que o sentido da Globalização deve ser entendido como fenómeno (consumível) de hoje, sem no entanto pôr em causa ou sectorizar a identidade própria de cada cidade e sociedade e consequentemente do próprio ensino da Arquitectura e em particular as quatro categorias relacionadas com o conhecimento⁴:

- > Descoberta dos conhecimentos; inerente à forma como o mesmo é apresentado, e ao que é considerado essencial como nas suas vertentes científica, social estética, política, e as bases ambientais da Arquitectura.
- > Integração dos conhecimentos; inerente à capacidade de relacionar a disciplina de Arquitectura e as outras como; Design de Interior, Arquitectura Paisagística, Engenharia, de Tráfego, etc.
- > Aplicação de conhecimentos; inerente à capacidade que usualmente se denomina de Prática, que deve relacionar o ensino Académico à Prática profissional, devendo encorajar os educadores e colocar as questões económicas, de gestão, legais e éticas nas plataformas de decisão da prática da Arquitectura.
- > Partilha de conhecimentos; inerente à capacidade de comunicar as ideias do desenho da Arquitectura, o valor dos seus conceitos, e os significados que os mesmos devem ter nas opções, e no processo de decisão.

Estas quatro categorias inerentes ao modo de pensar o ensino, que a sociedade Americana como pioneira da Globalização tem vindo a investigar num espectro muito alargado de escolas, constituiu um referencial de ancoragem, o ensino do Desenho (mesmo computacional) associado às Belas Artes como ponto de partida.

Existe portanto uma aparente dualidade de leitura interpretativa contínua que deve ser compreendida sempre numa lógica de Arte (urbana) resultando da Arquitectura do Ensino das Belas Artes e fundamentalmente do seu campo visual à semelhança do que acontece com as outras artes. Estes pressupostos remetem-nos para uma necessidade de reflexo sobre o Ensino da Arquitectura na sua verdadeira dimensão, o território urbano: a cidade em particular no que reporta à Arte Urbana enquanto domínio da Arquitectura.

Assim este conhecimento vital da Arquitectura não pode ser inventado deve ser antes transmitido pela prática de situações concretas com demandas específicas, nomeadamente ⁵:

- > Contributo para a compreensão do desenvolvimento da Cidade Europeia, especialmente em Projectos de Intervenção.
- > Implementação da Metodologia de Desenho, influenciado pelas análises morfológicas – ligação com a Arquitectura Racionalista – continuação de Arquitectura Urbana.
- > Investigação da Tipologia e Morfologia como forma de descobrir a lógica na Arquitectura, e a formação e geração do(s) tecido(s) urbano(s).

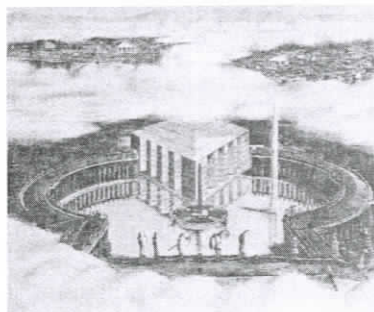
Este aspecto quando relacionado com o Modelo Cornell (de Colin Rowe) pressupõe que o fazer a Arquitectura corresponde a uma informação aprofundada de ⁶:

- > Um sofisticado conhecimento da forma.
- > Da História ser uma transladação da prática através da teoria.
- > Da relação entre o edifício individual e o seu contexto.

Estes pressupostos remetem-nos para uma necessidade de reflexão sobre o presente papel do ensino da Arquitectura, bem como a forma de produção da cidade enquanto território por excelência da Arquitectura.

2. A Tratadística e a Cidade

A cidade foi objecto do retomar da lógica por excelência da prática do Desenho Urbano no final dos anos setenta com o celebre período da Architectural Design (1979), tendo como editor convidado Michael Graves, proporcionando uma visão desenhada sobre o antigo plano de Nolli (1748), um conjunto de arquitectos foram convidados (no plano de ideias) como Leon Kier que repensa a Praça de S. Pedro bem como a Praça Nova [Figs. 1 e 2], numa atitude provocatória da imagem como processo de (re)pensar a cidade, de forma dinâmica, mas simultaneamente trabalhando com as estruturas e formas preexistentes.



5 "Relatório Princeton"

6 Obr. cit.

Figs. 1 e 2

A Cidade como ideal foi entendida por Alberti como um teatro imaginário, com as ruas pavimentadas e limpas, definidas por uma continuidade edificada de casas arcadas e pórticos com uma altura uniforme, como uma obra de arte harmoniosa, com todas as suas partes numeradas com proporção e ordem.

No centro Alberti colocava a biblioteca representando a consciência cívica, à semelhança dos Gregos que acreditavam que sem memória das origens e os princípios de continuidade a cidade desaparecia⁷.

Alberti no seu (re)desenho mental da antiga Roma convida o espectador a uma experiência cénica da cidade, comportando uma notável análise morfológica e sincrética que pode constituir uma via para a requalificação da cidade. Esta quase cerimónia teatral transforma a Cidade num guia sistemático das ruínas e dos monumentos.

Esta leitura da cidade Albertina remete-nos para um quadro teatral da cidade enquanto palco, onde o manuseamento da imagem urbana é suportada pelas leis da perspectiva, ancoradas num quadro matemático que assegura as relações da ordem, em que os edifícios são objectos de espaço que o artista analisa, compara as suas proporções numa lógica de controlar a sua visão perceptiva, onde o pintor e o espectador podiam observar a mesma perspectiva.

Também os Paines de Brunelleschi sobre o Palazzo della Signora referidos por Giulio Carlo Argan são notáveis, demonstrando as leis da simetria e proporção, utilizando o céu numa óptica do infinito, dominando a dimensão para além da realidade⁸.

O sentido da representação é indissociável da Arquitectura, como o evidencia Blondel no compromisso entre o utilitarismo e formalismo na tarefa de construção na cidade. Estes surgem com alguma acutilância com o então sentido "da Higiene" (no âmbito de então), o tráfego, a habitação entre outros, bem como a alteração dos limites físicos da cidade e o entendimento da cidade como pacto social, não articulado com as suas origens; o centro histórico.

A cidade antiga considera-se à parte fechada sobre si própria com um estatuto de monumento, enquanto a cidade cresce mediante novas solicitações em pontos de tensão.

As cidades ideais do Renascimento são dos projectos que não só assumem a cidade como um edifício como comportam todo um conjunto de intenções, e que hoje o equilíbrio entre a "voluptas" e a "comodistas" de Alberti tende para esta última, particularmente na segunda metade do séc. XVIII, face ao novo estatuto da ordem, a linearidade e a perspectiva, onde o sentido do passeio público e associado ao plano marginal, revelando-se na qualidade do "edificado corrente". Sublinha-se aqui a necessidade do triunfo da razão e a convenção civil como norma de comportamento, constituindo um dos principais aspectos em que se suporta a obra de F. Meliza.⁹

7 Jarzombek, Mark. On Leon Baptista Alberti. Cambridge Mot Press 1989, p. 113, 114.

8 Argan, Giulio Carlo "The Architecture of Brunelleschi the Origins of Perspective Theory in the Fifteenth Century" Journal of the Warburg and Courtauld Institute 9 (1946) p. 119

9 Cerasi, Mauri in "Lo Spacio colectivo della città". Il Piano Neoclassico di Milano pp 120-125 Mazzota Editore Milão 1976

Serlio ilustra a "Architectura" (1537) em particular o seu segundo volume (publicado em 1545), num conjunto de imagens cénicas desde a paisagem Vitruviana cómica, trágica e satírica [Fig. 3], configurando todo o sistema de espaços públicos da cidade a cenários afectos de emoção. Evocando Vitruvio, Serlio, transporta os espectadores para uma visão trágica da Architectura vendo palácios, avenidas, praças instituindo uma Architectura de Cena numa relação quase única entre o espectador, o actor, o cenário onde o Architecto controla o todo.



Fig. 3

Estas referências à tratadística ancoram na génese das Belas Artes, bem como o valor criativo do Desenho e o seu suporte do imaginário sedimentado numa cultura do tempo, onde Roma parece sempre constituir-se num epicentro de memórias vivas, em que as suas ruínas representam um repositório de memórias vivas, e paralelamente de ideias de sublime pureza, impostos pela ordem clássica, em que o espectáculo, o mistério e a evocação foram retratados por G. B. Piranesi (1720-1778), transformando-se numa realidade virtual que supera a Architectura, (enquanto obra construída), desempenhando um notável papel enigmático entre a realidade e o imaginário [Fig. 4].



Fig. 4

A este propósito P.V. Gomes¹⁰ refere que já Manfredo Tafuri se deu conta que a abordagem de Piranesi é uma ironia em simultâneo negativa e positiva, sendo uma introdução da inauguração na Arquitectura.

Menos divulgado que Piranesi, Giuseppe Galli Bibiena (1695-1753), destaca-se pelas suas gravuras de grande formato na obra *Architettura e Prospettive*, realizadas mediante os projectos na sua qualidade de engenheiro-cenógrafo imperial, particularmente no período vigente do Imperador Carlos VI com o objectivo de implementar as artes e consolidar o poder absoluto dos Habsburgo em Viena. Mais uma vez o leque de motivos das "vedute" prevalece sobre os outros, dando expressão ao então período barroco [Fig. 5].



Fig. 5

Bibiena explora diferentes métodos de monumentalização da Arquitectura de forma festiva, utilizando a técnica "scena ad angolo", dando uma noção de movimento, num misto único de fusão entre a arquitectura e o cenário, numa expressão que nos faz lembrar o espaço público da cidade, ou mesmo os jardins.

3. A Cidade e o Ensino de hoje

Recentemente no final de setenta nos Estados Unidos, Rowe and Koetter caracterizaram determinados trabalhos de superstudio como representando quase uma ultimação a uma Cidade de Ficção Científica, conforme identificaram a Main Street na Disneylândia na Florida, com a aplicação de uma ultimação à Paisagem Urbana Tradicional o que levou a levantar três questões¹¹:

- Porquê ser obrigado a proferir nostalgia para o futuro mais do que para o passado?
- Porque se modela da cidade que transportamos nas nossas mentes permite constituir um conhecimento psicológico?
- Poderá a cidade ideal tornar-se ao mesmo tempo, de forma explícita em simultâneo teatro de memória, e teatro de profecia?

Estas interrogações levaram uma parte significativa das Escolas Americanas de Arquitectura a ensaiarem com os seus alunos longos exercícios de (re)desenho urbano, procurando um sistema público inexistente, um carácter de imagem, mas sobretudo desenhar a cidade sem desenhar os edifícios.

¹⁰ Ainda a este propósito Paulo Varela Gomes refere nas notas "(...) Manfredo Tafuri escreveu o mais inteligente ensaio que conheço sobre Piranesi no primeiro capítulo de "A Esfera e o Labirinto, Vanguardas e Arquitectura desde Piranesi à década de 1970" Turim 1980, Publicação Americana, MIT 1990. "A Veduta Enquanto Instrumento Crítico" Paulo Varela Gomes p.115 e 127, in Giovanni Battista Piranesi "Invenções, Caprichos, Arquitectura" 1720/1778 Galeria de Pintura do Rei D. Luís IPPAR, Secretaria de Estado da Cultura, Lisboa 1998

¹¹ Broadbent, Geoffrey. *Emerging Concepts in Urban Space Design*. E&FN SPON, N.Y. 1990

Esta prática que não é nem pretende ser planeamento, permitiu aos Arquitectos regressarem à Escala do dispositivo morfológico da cidade, com o significado e significantes do sentido das tipologias entendidas numa outra dinâmica, relendo inclusivamente a tratadística como matéria prima do passado e translação para o futuro em que o Arquitecto (re)desenha (parte) da cidade, mediante períodos temporários, que é um procedimento novo e oposto à mera manipulação das regras estabelecidas característica do classicismo, aponta para a criação de modelos até certo ponto utópicos mas aptos a virem a ser postos em prática (...).

Esta atitude foi retomada no final dos anos setenta por Rob e Leon Krier, postulada no manifesto sobre os valores da cidade tradicional com Maurice Culot, veio a convidar as Escolas de Arquitectura a retomarem o discurso do Desenho, ainda que pautado pela ausência da História Urbana.

Curiosamente numa das últimas publicações de Leon Krier vem sublinhar o sentido da invenção, inovação, descoberta, como meios para modernizar o pensamento, a construção, a representação de comunicações no domínio das artes, da filosofia e arquitectura.¹²

Esta força de imagens desenhadas esboçam a estrutura e morfologia urbana com a ausência da tipologia edificatória, substituídas pelo valor da codificação dos espaços públicos, que passam a ser encarados pelo ensino, com valor metodológico, tendo uma verdadeira dimensão com a Tendência no seu discurso dos factos urbanos.

Mesmo recentemente com os novos valores da Arquitectura líquida explicitada por I. Solà Morales com o seu sistema de fluxos, o valor da velocidade, comunicações, o sentido do Desenho deve estar presente nas diferentes aproximações ao território da cidade. A este nível opta-se por ler a cidade e (re)desenhar partes. Estes ensaios tem vindo a incidir nos últimos anos dos cursos em intervenções, em áreas não qualificadas das cidades conferindo-lhe novas potencialidades, a capacidades de interessar os políticos para a intervenção.

3.1. O Desenho, o Projecto e a Cidade

O valor do Desenho surge como uma premissa incontornável no processo da atitude projectual.

Projectar (como refere V. Gregotti) é antes de mais planejar a satisfação de um desejo, ou ter uma imagem ténue e clara dentro de uma névoa de um destino que se vai aclarando. Nunca se projecta para, mas contra algo ou alguém, mas sobretudo projecta-se contra a resignação e perante o imprevisível (como refere Garssi). A imagem constitui um modo operativo de dar expressão ao imaginário. É essa imagem que ganha por vezes autonomia própria onde se confunde por vezes o meio com o fim. A mediação instrumental do Desenho, enquanto processo

¹² "Arquitectura escolha ou fatalidade", Trad. Portuguesa – Estor, Lisboa 1999, p. 47

instrumental e procedimento pró-activo é disciplinado pelo pensamento visual, participando da capacidade evocadora e definidora da configuração gráfica proposta.

Essa lógica accionada ao valor dos factos urbanos, constitui uma intencionalidade cognitiva, bem como um idioma gráfico com destaque na Escola de Arquitectura de Veneza no que se refere ao sentido dado à tipologia, às estruturas gramáticas da cidade dita analógica, e naturalmente a relação intrínseca estabelecida entre a Cidade e a Arquitectura onde Rossi e Aymonino foram pioneiros nos anos sessenta. Michel Foucault suportou a estrutura da Linguagem e os seus sistemas, sobretudo no que se refere às rupturas, interrupções e descontinuidades, numa lógica de níveis de verdades, enquanto Rossi e Aymonino transpõem esta linguagem para a história da Arquitectura fazendo depender dos aspectos sócio-económicos, políticos - institucionais¹³.

Assim o projecto assume-se como um processo mental que intervém num espaço de informações, em que a própria cidade corresponde ao limiar de tempos informatizados, constituindo por elementos significativos da Arquitectura onde os espaços públicos correspondem à leitura cénica e pública da cidade.

Esses espaços públicos traduzem uma atmosfera mental, que se sedimentam no imaginário dos Arquitectos correspondendo a modelos culturais de referência na tarefa projectual, que valem por si.

Por outro lado a Arquitectura do Séc. XX tem um carácter comunicativo e desejável. Os famosos desenhos de Gertrudes Stein tem um poder de comunicação notável, em que o seu contexto urbano se transforma num texto com ausência de conteúdo social e de consciência histórica. A cidade quando se transforma em metrópole deixa as suas referências.

A cidade numa lógica de metrópoles resulta de uma sucessão de imagens, em que a visão pictórica deixa de existir. A mobilidade passa a ser um factor predominante contrapondo-se à visão estática e perspectiva, necessitando de uma nova sensibilidade visual de um olhar em movimento.

Já Corbusier alertava em prol da sua visão da cidade, que o espaço urbano tornava-se um conceito de carácter social, que deveria ser objecto de investigação, tornando-se numa cidade de carácter panorâmica correspondendo à sua cidade vertical e curiosamente também às imagens de Broadacre City de F. L. Wright onde as imagens correspondem a uma rigorosa configuração do real na força do Desenho.

A singularidade do construído / real é substituído pela simulação / ideal.

A imagem mediática parece absorver as simulações projectuais, mediante novos códigos de registos, de uma nova cartografia, numa nova forma de ver a cidade e

13 Foucault, Michel. *Life, Labor. Language the order of things*. Pantheon Press, NY 1973, p. 250 e 307.

de a produzir. Estamos perante uma leitura urbana de carácter narrativo de itinerários no âmbito do espaço / tempo, percepções / memórias, o que levou Robert Venturi, no seu processo de técnicas de "collage" referir que "A cidade reconstrói-se como um itinerário de memória activa, num teatro de sua mesma memória.

A leitura do ambiente físico de hoje é de natureza complexa tendo como elementos constituintes; operadores funcionais, meios de comunicação não devendo prescindir da relação entre o ambiente físico e o semiótico. A Arquitectura poderá eventualmente alterar a sua imagem, no entanto tratando-se de um produto construído e por conseguinte lido, esta alteração está delimitada aos parâmetros dos códigos de leitura reconhecidos.

A procura de um quadro de referência projectual que avalize a nova realidade é tarefa dos Arquitectos de hoje e do ensino da Arquitectura, onde a relação com o quadro interventivo corresponde a uma atitude de produção de uma imagem imaterial.

No entanto esta atitude que se tem a vulgarizar quer em alguns concursos (de ideias de Arquitectura), quer nos exercícios académicos só são válidos se encontrar um lugar em que o imaginário colectivo tiver capacidade de produzir uma imagem mental adequada à transformação do mesmo, em que o quadro metodológico poderá ser determinante na abordagem ao processo.

Note-se que o desenho da cidade resulta dos desígnios que são fundamentalmente programáticos e pragmáticos, num processo em que hoje a respectiva validade é temporal e de incertezas, e por vezes com poucas invariantes.

O processo executório do Desenho da Cidade é consequentemente resultante da leitura (crítica) dos aspectos programáticos do Planeamento, mas sobretudo num processo em que se deve percorrer as escalas de uma forma continuada, específica e interactiva.

O Bairro, o Dispositivo Morfológico, a Rua fazem parte integrante dos pressupostos do Desenho do Arquitecto.

O Bairro resulta do sentido mais genuíno da ideia da cidade e das relações público-privado.

O Dispositivo Morfológico resulta da leitura e opções (culturais da tipologia edificatória).

A Rua, o Largo, a Praça correspondem à expressão física e formal da fisionomia do espaço público.

A cidade entendida como morada, lugar de suporte estático de um quadro triplo de intercâmbio de bens, de informação e afecto comporta ainda o sentido que os

romanos dominavam a urlos, enquanto território físico e civitas, correspondendo à comunidade que a habitar.

Esta situação é fundamentalmente remetida ou referenciada às cidades históricas que comportam imagens associadas a culturas.

A cidade de hoje corresponde a um território indefinido, a imagens não referenciadas a locais, em que a dinâmica gerada pela rede de comunicações de serviços substituiu os lugares (ou a estática dos mesmos).

Pensar o urbano é um exercício quase heróico, em que segundo F. Choay o Arquitecto / Urbanista contínua dependente da nostalgia que encontra em outras cidades, actuando a nostalgia como um mecanismo de defesa, uma ilusão como refere Rossi, correspondendo a um duplo entendimento da realidade um directo-doloroso e outro distinto consolado.

O Pensar urbano nesta ordem de ideias envolve uma incerteza cujo pensamento pode recair numa quase perversão do inalcançável, num desdobramento do ilusório, na impossibilidade da utilização da visualização da cidade como método. Choay lança o desafio da cidade ser pensada como uma cidade discreta contra a ilusão da cidade total ou eterna.

É parte neste desafio que a abordagem de carácter metodológico, em que o desenho é simultaneamente o instrumento e o mediador, que se destaca a evidência do seu papel.

Os momentos de incertezas e de contestação do urbano, e sobretudo da ausência de identidade, foram sempre sendo transformados pelos desígnios (políticos) mas suportados pelo desenho, num processo claro que explícita decisões, simula ambientes, possíveis vivências, constituindo um processo de investigação hoje privilegiado em algumas teses de pós-graduação (pouco usuais nas nossas universidades) em que se privilegia as ideias, a intervenção, a construção do Projecto como forma de pensamento da profissão de Arquitecto.

O Desenho ou e o recurso à imagem computadorizada funcionam como um processo gestual que as escolas tem de privilegiar no seu ensino, assumindo um novo espírito de Belas Artes, que necessariamente não corresponde ao antigo processo, e muito menos ao saber global das três artes Arquitectura, Pintura e Escultura.

Esta tríade está definitivamente alterada, mas não esquecida. O (re)pensar da (re)construção de métodos de ensino como foi o caso de Bauhaus pressupôs uma abordagem pluri e transdisciplinar assumindo-se como uma escola do design até à cidade.

A indispensável especialização (não descontextualizada) do saber da Arquitectura, exige que a cidade volte a ser (re)desenhada, face às actuais pressões, tendências

da globalização da absorção de imagens idênticas da China aos E.U. passando mesmo pela Europa.

O (re)tomar e (re)pensar dos valores das ancoragens do ensino poderá contribuir para uma mediatização da identidade das cidades, em que os interlocutores passam a ser as Escolas, os Profissionais que divulgam a sua atitude interventiva.

Imagine-se em vez da divulgação dos actuais monumentos entregue a Arquitectos famosos que pretendam assumir-se como os novos monumentos, o redesenho da regeneração das cidades. Recupere-se pois o espírito da Roma Interrota que poderá transformar as cidades, começando justamente pela abordagem da Academia, ao espaço urbano.

Bibliografia

- ARGAN, Giulio Carlo. *História da Arte como História da Cidade*. Edição Brasileira, São Paulo.
- BOYER, Erneszand Mitgang Lee. *A New Future for Architecture Education and Practice*. The Carnegie Foundation for Advancement of Teaching. Lane & Princeton, New Jersey 1996.
- BLOOHER, RC and Moore, CW, With Yudell, R.J. *Body, Memory and Architecture*. Yale University Press, New Haven and London 1977.
- DENISE, Scott Brown. *Learning the Wrong Lesson from the Beaux-Arts*. In *Architectural Design* vol.48 N.º1.12. 1979.
- GRASSI, Giorgio. *La Construzione logica dell'Architecture*. Pádua, 1967.
- GRASSI, V. *Quando la filosofia dello shopping contamina l'architettura*. In *Cornere della Sera* 2003/2004.
- GREGORY, S. Palermo. *The Faculty Who Teach Architecture*. In *Special Education Task Force*. Institute of Architects, American Institute of Architects, 1991.
- HABERMAS, Jurgen. *The Strutural Transformation of the Public Sphere*. Mit Press Cambridge, 1989.
- LO RICCO, Gabriella, Micheli. *Lo spettacolo dell'architettura*. Paravia Bruno Mondadori Editori, Milão 2003.
- MERTZ, Christian. *The Imaginary Signifier*. Bloomington Indiana University Press 1982.
- QUARONI, Ludovico. *Proyectar un Edificio Ocho Leceiones de Arquitectura*. Edição Castelhana, Madrid, 1997.
- SOLÀ-MORALES, Ignasi y Costa Xavier. *Metrópolis, cindades, redes, paisages*. G.G. Barcelona 2004.
- SYMES, Martin, ELEY, Joanna and SEIDEL, Andrew. *Architects and their Practices: A Changing Profession* (Newton M.A. Butterworth Architecture 1995) sumarizado in "The Anatomy of the Architect" Riba Journal, Março de 1995.